

TURISMO DE JARDINS NA MADEIRA E NOS AÇORES: DA DIMENSÃO HISTÓRICA À SITUAÇÃO ATUAL

Isabel Soares de Albergaria*

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

Palavras-chave: jardins históricos da Madeira e dos Açores; turismo de jardins; singularidade e identidade; património cultural; recursos turísticos

Introdução

O binómio turismo/jardins tem sido nos últimos anos reforçado por laços estreitos. Quer seja com o objetivo de aliviar o *stress*, de promover a sociabilidade, desenvolver atividades de ar livre, incrementar os estímulos sensoriais e intelectuais ou simplesmente disfrutar de um ambiente tranquilo e ordenado, o certo é o número de visitantes de jardins tem crescido em todo o mundo, calculando-se que ronde atualmente os 300 a 500 milhões de visitantes/ano¹. Neste contexto, o turismo de jardins, entendido aqui, genericamente, como uma atividade turística que envolve a visita a jardins

* A autora do texto escreve segundo o novo Acordo Ortográfico.

¹ Dados colhidos durante o Colóquio Internacional Garden Tourism in Portugal and Around the World, Ponta Delgada, 24 a 26 de Fevereiro. Sobre o tema veja-se também Richard BENFIELD, *Garden Tourism*, Wallingford: CABI., 2013

tem igualmente registado um aumento significativo de seguidores, particularmente na Europa, Estados Unidos e Canadá, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia, além de diversos países asiáticos como o Japão, a China, a Índia ou o Irão. Alguns dos grandes jardins históricos, integrados nas listas do património mundial – de que são exemplo os jardins e palácio de Versalhes, os jardins e palácio de Fontainebleau, os Jardins Botânicos de Kew, o Parque real de Studley e as ruínas de Fountains Abbey, os jardins do Generalife no Alhambra, o forte e jardins de Shalamar, em Lahore (Paquistão) ou o templo dourado nos jardins de Rokuon-ji, em Quioto, entre muitos outros – mobilizam, só por si, milhares de visitantes pagantes anualmente, representando uma fonte de receita importantíssima com óbvios efeitos benéficos sobre a conservação e recuperação desse valioso património.

Em sintonia com o movimento global, o potencial reservado ao turismo de jardins em Portugal não tem passado despercebido, podendo contar-se hoje com cerca de 20 operadores que atuam no setor (destes, seis são portugueses), incluindo uma oferta total de quase 30 jardins em pacotes turísticos, rotas e itinerários portugueses².

Apesar dos sinais animadores, raramente os jardins portugueses são vistos como uma oferta cultural suficientemente interessante, faltando-lhes a notoriedade que lhes garantiriam o desejável aumento de visitantes e de receitas. Face ao panorama nacional, a situação da Madeira é excepcional, precisamente pelo facto de os jardins da Madeira constituírem poderosos signos identificadores do destino, tendo granjeado uma notoriedade que se associa, numa leitura semiótica, à imagem do Éden Atlântico construída desde as viagens de Humboldt, há quase dois séculos, e assente no prestígio madeirense como *health resort*.

Diferentemente, o arquipélago açoriano tem-se mantido afastado dos principais fluxos turísticos europeus e americanos não chegando, até muito recentemente – mau grado algumas tentativas históricas para aproveitar da situação geoestratégica a favor de um potencial desenvolvimento turístico – a

2 O tema do turismo de jardins tem suscitado um crescente o interesse científico e académico, registando-se neste campo estudos recentes, de que são exemplo: Raimundo QUINTAL, R (2009): “A importância dos jardins como nicho turístico na Madeira”. In: SIMÕES, J. M. e Ferreira, C.C. (Eds) - *Turismos de nicho: motivações, produtos, territórios*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, pp. 71-93; Susana SILVA & Paulo Manuel de Carvalho TOMÁS (2013), *Os jardins no contexto do turismo pós-moderno. O caso de Portugal*. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, pp. 631-647 ou a tese de doutoramento de Susana SILVA, *Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses: uma abordagem geográfica*, apresentada à Universidade de Coimbra, em 2016.

constituir uma verdadeira “região turística” no quadro nacional ou internacional. Por outro lado, os jardins dos Açores, particularmente os jardins e parques privados da ilha de São Miguel, constituíram, durante o século XIX e parte do século XX, um motivo de interesse para viajantes cultos, aventureiros e naturalistas que demandavam estas ilhas movidos pelos mais diversos interesses, certamente por lhes reconhecerem os necessários atributos.

Procedendo à avaliação da situação histórica dos jardins da Madeira e dos Açores, bem como dos motivos de interesse que, tanto no passado como no presente, continuam a captar a atenção dos visitantes, este artigo pretende analisar o seu potencial enquanto recurso turístico e lançar, numa abordagem prospetiva, pistas no sentido de um aprofundamento do turismo de jardins nestes dois arquipélagos atlânticos, considerando as eventuais vantagens de uma oferta integrada, assente na singularidade e identidade deste rico património insular.

1. Os jardins na construção identitária e a ligação ao turismo

Conhecidos como *jardins paisagistas*, a escola inglesa de paisagismo responsável por aquele movimento artístico, inaugurou um modo de construir jardins que se apoia nas formas da natureza. São formas naturais que, não o sendo, expressam simbolicamente o que nela é mais valorizado: a presença da água; o sistema de vistas amplas e a existência de lugares de refúgio, mais protegidos e intimistas, próximo do que Klaus Richter descreve como paisagens “semi-abertas”; as linhas curvas e as formas ondulantes. O sucesso dessa corrente artística que encontra nos atributos da natureza (*natura naturata*) o seu fundamento, simultaneamente, ético e estético, está profundamente ligado ao pensamento iluminista, em vigor na Europa desde as primeiras décadas do século XVIII. Se no século XVI Francis Bacon (1561-1626) já havia afirmado que os jardins proporcionavam o mais puro dos prazeres humanos, sem os quais todos os edifícios pareceriam grosseiras criações³, a emoção gerada pela visita aos jardins receberia um *élan* muito especial por parte da sociedade georgiana do século XVIII, a tal ponto que podemos situar, então, o início de uma atividade a que chamaríamos de turismo de jardins.

Com efeito, as centenas de casas de campo e jardins ingleses construídos, ou profundamente modificados, ao longo de Setecentos, pelas principais famílias da *gentry*, correspondiam a um imperativo de *status* mas,

3 Francis BACON, *The Essays*, London, Penguin Classics, 1986.

essencialmente relevavam da manifestação tangível da formação do *bom gosto*, adquirido nas longas viagens do *Grand Tour*, durante as quais os jovens aristocratas ingleses tinham a oportunidade de visitar os grandes palácios franceses, as glórias da Renascença florentina e a opulência dos jardins e palácios de Roma. Mais do que um apêndice da arquitetura, os jardins adquiriam uma importância crucial enquanto núcleos de paisagem modificados e conformados para serem objeto de apreciação pelas categorias estéticas do belo, do sublime e do pitoresco. Em 1794 Uvedale Price escrevia o *Essay on the Picturesque, As Compared with the Sublime and The Beautiful*, uma obra destinada a um enorme sucesso editorial que condensava um abundante caudal de ideias acerca dos princípios do desenho e plantação de jardins, entretanto disseminadas através dos jornais, de ensaios, poemas, artigos críticos e relatos de viagem⁴.

Insensivelmente a identificação dos jardins com a cultura das classes dominantes britânicas assume-se como valor identitário e fator de reforço da coesão do grupo. Assim se explica que os grandes proprietários britânicos tenham aberto as portas dos seus vastos jardins e casas de campo a um conjunto selecionado de visitantes (*“genteel” visitors*), promovendo um movimento de turismo interno que ficou conhecido pelo English Tour⁵. Em certos casos o número de visitantes era extraordinário e ficava registrado nos livros de visita, como aconteceu em Wilton House, em agosto de 1776, quando se havia recebido 2324 pessoas⁶. Em Stowe House, Buckinghamshire, o proprietário Richard Temple, visconde de Cobham, chega ao ponto de construir uma hospedaria na periferia do seu extenso parque a fim de proporcionar alojamento condigno para os viajantes que propositadamente se deslocassem para visitar o jardim⁷. Também era frequente desenharem-se vistas das propriedades para disponibilizar aos visitantes, como a que Lord Burlington executou de Chiswick House em 1736⁸. Sobre estas vistas, John

4 Maria Isabel Bonas BOTTO, “Garden tourism in England: an early discovery”, in, Ana Duarte (RODRIGUES (Coord.), *Gardens and Tourism For and beyond economic profit*, Évora: CHAIA/CIUHCT, p. 15.

5 Para os primórdios do English Tour, veja-se Ian OUSBY, *The Englishman’s England: Taste, Travel and the Rise of Tourism*, Cambridge: CUP, 1990. Um dos guias mais utilizados na visita aos jardins Ingleses, *A History of Modern Taste in Gardening*, por Sir Horace WALPOLE, foi publicado em 1780.

6 Ian OUSBY, *ob.cit.*, p.79.

7 Maria Isabel BOTTO, *ob.cit.*, p.19.

8 Jean ROCQUE, *Plan du Jardin & Vue des Maisons de Chiswick*, 1736, V&A Museum no. E.352-1944.

Dixon Hunt salienta a importância que desempenharam no convite a uma visita mais demorada e completa dos extensos e intrincados caminhos das vastas propriedades, ao abrir possibilidades de percurso que excediam os simples eixos principais⁹. Em suma, o reconhecimento do significado cultural dos jardins por parte da elite inglesa induz o contínuo investimento na qualificação desses espaços, especialmente quando as estruturas turísticas e a disponibilização de amenidades vêm conferir funções discursivas com efeitos amplificadores da sua própria significação cultural.

A centralidade da cultura britânica no que toca aos jardins e à paisagem manifesta-se com grande fulgor ao longo de Oitocentos, a tal ponto que não nos é possível equacionar a formação de uma identidade da paisagem ou refletir sobre o tema do exotismo e da viagem, em territórios aparentemente tão longínquos dessa realidade como sejam os arquipélagos atlânticos da Madeira e dos Açores, iludindo a força de um sistema de representações que estabelece laços de estreita conexão entre centros e periferias, no quadro da mesma visão imperialista do “sistema-mundo”.

Num texto inspirado, Alberto Vieira fala “Das ilhas jardins aos jardins das ilhas”¹⁰, no qual explora, por um lado, o papel das ilhas enquanto lugares de evasão, de sonho e de utopia no imaginário ocidental, pelo menos desde a Antiguidade, e, por outro lado, a sua função histórica enquanto espaços reais de aclimação de espécies botânicas úteis, parte integrante de um circuito a que o historiador norte-americano Alfred Crosby apelidou de *biótioca portátil europeia*¹¹. Essa dupla dimensão funde-se, a partir do século XVIII/XIX, no novo quadro mental representado pelos naturalistas, viajantes e *touristes* europeus e americanos que redescobrem nas ilhas espaços de deleite e de exploração estética, de estudo ou de recreio. Para o viajante europeu, habituado aos rigores do inverno e ao ar poluído das grandes metrópoles, o mito das *Ilhas Afortunadas* voltava a exercer um enorme fascínio, mito alimentado pelo relato dos viajantes e por uma certa iconografia que se ia reproduzindo e associando às ilhas.

Os arquipélagos da Madeira e das Canárias cumpriram absolutamente o desígnio de *winter health resorts*, associados aos primórdios do turismo

9 John Dixon HUNT, *The Figure in the Landscape. Poetry, Painting, and Gardening during the Eighteenth Century*, Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, 1989, p.96.

10 file:///C:/Users/ialbe/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/LMU80178/DAS%20ILHAS%20JARDINS%20AOS%20JARDINS%20DAS%20ILHAS.pdf

11 Alfred CROSBY, *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa. 900-1900*, S. Paulo, Companhia das Letras, 2011, p.332.

terapêutico europeu e valorizados pelas belezas das suas paisagens edênicas e pela amenidade do seu clima. Em 1799 o barão Alexander von Humboldt (1769-1859) fazia eco dessa realidade que habitualmente equiparava a Madeira às Canárias, ao exortar o Vale de Orotava, na ilha de Tenerife e a encosta do Funchal, na vertente sul da Madeira, como duas das mais belas paisagens humanizadas do mundo¹².

Ora é precisamente nessa encosta do Funchal que surge a maior concentração de “quintas de aluguer”, cuja tipologia, estudada por Rui Campos Matos, se conforma com o lote-jardim característico da burguesia oitocentista instalada na periferia das grandes urbes e, em certa medida, constitui o seu contraponto. As quintas da Madeira, segundo o mesmo autor, são nesse sentido o modelo alastrado das estâncias terapêuticas europeias, verdadeiros satélites dessas urbes¹³. Ao cumprirem funções exclusivamente recreativas, as quintas dos arredores do Funchal contribuem poderosamente para a imagem da paisagem madeirense, de acordo com o imaginário de uma natureza fértil e luxuriante, próxima da natureza pristina mas eivada de sentido estético e destituída do lado desregrado e selvagem daquela, ou do imediatamente útil e económico.

Nas suas considerações, simultaneamente científicas e poéticas da paisagem, Humboldt deixou de fora os Açores, agindo, nesse ponto, de acordo com uma prática estabelecida. Enquanto estância terapêutica e de recreio, os Açores representaram um papel sem dúvida marginal no quadro dos arquipélagos atlânticos. Não obstante, a visão humboldtiana veio influenciar profundamente gerações de naturalistas e de outros tipos de viajantes que, cruzando o Atlântico pelos mais diversos motivos – com fluxos comparativamente mais intensos do lado americano do que do lado europeu –, consagraram uma atenção muito particular à contemplação das curiosidades naturais, a par com a descrição das paisagens e dos jardins insulares.

John White Webster (1793-1850), médico e professor de química e mineralogia na Universidade de Harvard, temporariamente residindo em Londres, parte em direcção às *Western Islands* (nome por que os Açores eram desde há muito conhecidos no mundo anglo-saxónico) nos princípios de 1817. Fixa-se em Ponta Delgada praticando medicina junto da comunidade anglo-americana, acabando mesmo por casar, um ano mais tarde, com Harriet Frederica

12 Bonpland HUMBOLT, *Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent During the Years 1799-1804*, Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1822.

13 Rui Campos MATOS, *A arquitetura do turismo terapêutico. Madeira e Canárias, 1800-1914*, p.149.

Hickling, filha do vice-cônsul americano Thomas Hickling. A passagem de Webster pela ilha de São Miguel motivou a redacção de uma interessante monografia sobre a geologia da ilha, intitulada *A Description of the Island of St. Michael* que publicaria em Boston, em 1821. No prefácio o autor protesta contra o desconhecimento até então demonstrado pelas ilhas açorianas e admira-se que este grupo de ilhas “*não tivesse despertado nem a atenção dos naturalistas nem induzido alguém a empreender uma excursão até elas com o propósito de investigar a sua estrutura geológica*”. E conclui: “*As poucas notícias que temos delas são breves, tendendo a despertar a curiosidade mais do que a fornecer muita informação positiva a seu respeito*”¹⁴.

Considerado por muitos, o primeiro autor a produzir interpretações consistentes sobre a geologia do arquipélago, a este americano atribui-se, também, um outro fato relevante no que toca ao enriquecimento da flora exótica dos jardins açorianos: a introdução do primeiro exemplar de *Araucaria heterophylla* em Portugal. Segundo noticiava, mais tarde, o jornal *O Agricultor Micaelense*, Webster teria ofertado a planta a John Bass Dabney, cônsul dos EUA, então residente na sua propriedade da Bagatelle, na Horta, cujos jardins mereciam os mais rasgados elogios por parte de quantos o visitavam¹⁵.

Não será demais salientar o papel da colónia britânica na Madeira e, anglo-americana nos Açores, radicadas nos dois arquipélagos atlânticos desde o começo de Oitocentos, por razões que se prendem com os negócios ultramarinos e a exploração comercial de produtos locais, na difusão de um gosto e de uma prática intimamente ligadas à horticultura ornamental. Para tanto bastaria citar o caso de Henry Veitch (1782-1857), o cônsul britânico da ilha da Madeira, membro da destacada família Devon que estabeleceu a mais importante casa viveirista britânica do século XIX. Na sua quinta do lugar do Jardim da Serra, na freguesia de Câmara de Lobos, o cônsul britânico ensaiou diversas curiosidades botânicas como o café, o chá, a canela e muitas outras espécies exóticas¹⁶, bem como, segundo outros autores, um extenso jardim de camélias que certamente constituía novidade absoluta para a época¹⁷.

14 John White WEBSTER, «A Ilha de S. Miguel em 1821», in *Arquivo dos Açores*, vol XIII, 1983.

15 Cf. *O Agricultor Micaelense*, Julho 1850. Sobre o tema veja-se também Isabel Soares de ALBERGARIA, *Quintas, Jardins e Parques da Ilha de São Miguel*, Lisboa: Quetzal, 2000, p.101.

16 Cf. Marquez de Jácome CORREA, *A Ilha da Madeira, Impressões e notas archeologicas, ruraes, artisticas e sociais*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1927, p.177.

17 Charles QUEST-RITSON, *The English Garden Abroad*, London: Viking, 1992, p.165.

No Faial, o cônsul americano John Bass Dabney (1767-1826) construía entre 1812 e 1815 uma sumptuosa mansão ao gosto neoclássico, conhecida por Bagatelle. No terreno armado em socalcos, permitindo a obtenção de magníficas vistas sobre a baía da Horta e a ilha do Pico em frente, o cônsul americano plantou uma enorme diversidade de espécies exóticas que faziam as delícias dos viajantes. À direita da casa duas extensas áleas de choupos negros (*Populus nigra*) conferiam um ar mediterrânico que era complementado pelo grande número de árvores de fruto, com destaque para as laranjeiras, limoeiros, figueiras, videiras e até oliveiras. Mas a nota exótica coloria-se de tons mais tropicais com as bananeiras, os maracujás e os ananases, além de muitas outras plantas ornamentais, entre as quais se contam as duas *Magnolia grandiflora* que tinham vindo de S. Miguel¹⁸.

A proverbial hospitalidade dos comerciantes estrangeiros para com os forasteiros e todos os visitantes recomendáveis – “*any person respectably dressed*”¹⁹ – é amplamente reconhecida e faz parte de uma prática que se destina a sublinhar o requinte e bom gosto dos seus proprietários, à semelhança do que acontecia na Inglaterra georgiana. Neste ponto o padrão é idêntico tanto na Madeira como nos Açores, e não se reduz apenas aos comerciantes estrangeiros. Um dos primeiros a franquear as portas do seu jardim a este público selecionado foi o 1º conde de Carvalhal, João José Xavier Carvalhal (1788-1837) na quinta do Palheiro Ferreiro²⁰. Nos Açores, o comportamento “liberal” dos proprietários dos grandes jardins e parques de S. Miguel é igualmente uma regra que abrange tanto os forasteiros como todos os visitantes munidos de uma especial recomendação. A boa vontade em abrir as portas dos jardins privados ao público foi mesmo um ponto programático do chamado Parque das Murtas (atual Parque Beatriz do Canto), nas Furnas – tradição que se mantém até hoje durante o mês de Agosto²¹.

18 Para uma completa descrição do jardim da Bagatelle no 1º quartel do século XIX veja-se Isabel S ALBERGARIA, “A South East View of Bagatelle, the Seat of John B Dabney, Esq ,Consul of the United States for the Azores in Fayal”, in Ricardo Madruga da COSTA (Coord.), *Os Dias de Charlie nas Western Islands. As ilhas do Faial e do Pico na visão de um turista americano em meados do séc. XIX*. Horta; Núcleo Cultural da Horta, 2017, p.p.12-18.

19 Cf. Dana ARNOLD. *The Georgian Country Houses, Architecture, Landscape and Society*. Stoud: Alan Sutton, 2003, p.32.

20 A tradição de abrir as portas do jardim uma vez por ano, a toda a população, manteve-se na quinta do Palheiro Ferreiro até à década de 1870. Cf. Raimundo QUINTAL, *A Importância dos Jardins como Nicho Turístico na Madeira*, p.16.

21 Também na propriedade do Tanque a família Marquês da Praia abria as portas do jardim numa base regular durante os meses de Verão, passando a haver entradas pagas a partir da aquisição do parque pela Sociedade Terra Nostra.

Destas visitas recolheram-se um sem número de descrições, apreciações, *sketches*, gravuras e fotografias que serão objeto de análise mais adiante, mas que para já permitem entrever a importância de que se revestem na formação da imagem de fertilidade, fitodiversidade e capacidade vegetativa dos solos insulares. Não pode, assim, ignorar-se o papel de quem vê e visita os jardins na criação de uma identidade paisagística das ilhas, que já não os dispensa, como signo da sua identidade.

2. Os jardins como recurso cultural e turístico

As considerações em torno do tema dos jardins enquanto “monumentos” paisagistas e enquanto recurso turístico-recreativo associado à imagem do destino, conduzem-nos a duas questões complementares, as quais nos ajudarão a formar uma ideia mais clara acerca do turismo de jardins na Madeira e nos Açores. Em primeiro lugar é importante avaliar a projecção alcançada no plano internacional pelos jardins insulares, a partir da sua criação e até ao momento presente, procurando descortinar os motivos que conduziram a essa valorização estética e cultural. Numa outra perspectiva, será relevante considerar o papel desempenhado pelos jardins na composição da oferta turística, integrando os *circuitos* e locais a visitar, disponibilizados através de guias, roteiros e outro tipo de divulgação turística.



Fig. 1. Um trecho do jardim da Fredonia, Horta. Desenho por Samuel Longfellow, 1844. Longfellow National Historic Site, Cambridge, Mass

A grande maioria das descrições que contemplam os jardins insulares foi dispensada por viajantes e naturalistas empenhados na exortação das belezas das paisagens marítimas, da fertilidade dos solos insulares e da diver-

sidade botânica dos jardins. Nas palavras do americano Samuel Longfellow, autor de vários desenhos dos jardins da família Dabney, na Horta, cidade onde residiu entre 1844 e 1849, “*Everything is odd, foreign and picturesque*”, produzindo a sensação de se estar a viver num “*hortis splendidam*”²². Guias de viagem do período vitoriano mencionam com frequência alguns dos espécimes botânicos mais notáveis dos jardins madeirenses. Entre elas mencione-se a canforeira, a *Ficus elastica*, os jacarandás, ou os *Pandanus veitchii*, sem esquecer os colossais *Dracaena drago*, os dragoeiros indígenas que vegetavam na Quinta do Til, propriedade de Mr. Gordon, um comerciante inglês do vinho desde o início do século XIX, e que mereceram, em 20 de Outubro de 1888, um artigo ilustrado na prestigiada revista da especialidade *The Gardener’s Chronicle*²³. A mesma revista dedicaria ainda um outro artigo ao jardim Municipal do Funchal, elogiando a abundância de espécies subtropicais que nele se podiam admirar crescendo livremente²⁴.

O mesmo autor que assina os artigos da *Gardener’s Chronicle*, o jardineiro e jornalista irlandês William Robinson (1838-1935), consagra à ilha da Madeira uma passagem significativa na sua conhecida obra *The English Flower Garden* (1888). Numa apreciação não isenta de preconceito acerca da cultura latina do sul da Europa, Robinson reputa os jardins madeirenses de muito instrutivos pela sua variedade: “*Every one I remember was distinct, and this was owing to the owners being free to do as the ground invited them, instead of following any fixed idea as to style, or leaving it to men who are ready with similar plans for all sorts of positions*”. Em reforço da ideia que caberia ao plano uma forte ingenuidade, conclui: “*In France, England, or Germany, this could never happen*”.

No mesmo sentido, Charles Thomas-Stanford em *Leaves from a Madeira Garden* (1909)²⁵ concorda que “*of the best and most characteristic of Madeira gardens it may be said that they have grown rather than been made*”. Constata-se, pois, uma certa concordância entre os dois autores no sentido da sobrevalorização da componente botânica dos jardins madei-

22 Desenhos de Samuel Longfellow, Residência da família Dabney; no jardim, 1844, 19,3x15,5 cf. Longfellow National Historic Site, Cambridge, Mass.

23 Cit. por Charles QUEST-RITSON, *ob.cit.*, p.165.

24 Cit por Raimundo QUINTAL, *A Importância dos Jardins como Nicho Turístico na Madeira*, 2011. — Disponível em:

file:///D:/Documents%20and%20Settings/utilizador/Os%20meus%20documentos/Projeto%20App%20JARDINS/bibliografia/Importância%20dos%20Jardins%20como%20Nicho%20Turístico%20na%20Madeira-Janeiro%202011.pdf

25 Charles THOMAS-STANFORD, *Leaves from a Madeira Garden*, London & New York, John Lane, 1909.

renses em detrimento da correspondente componente do desenho. Numa outra obra publicada inteiramente dedicada aos jardins da Madeira - *The Flowers and Gardens of Madeira* - dada à estampa no mesmo ano de 1909, Florence Du Cane observa a reduzida dimensão das quintas madeirenses e sublinha o fato de serem estruturadas em socalcos sobrepostos.²⁶

No conjunto das quintas e jardins madeirenses, a Quinta do Palheiro Ferreiro assume precocemente um estatuto singular, graças ao seu traçado e bom gosto, embora fosse a única nas mãos de um proprietário português a merecer tais elogios. Em a *History of Madeira*, publicada em Londres em 1821, William Combe exorta: “*His place is the first that attracts the eye of the stranger, and will well reward the most minute attention with the native beauty of Switzerland, and the delicious charm of the garden scenery of England*”²⁷. Uns anos mais tarde Alfred Lyall, que visitou o Palheiro Ferreiro em 1827, reitera o acentuado caráter britânico do jardim: «*really made the whole more like an English park than one could have supposed any spot on such an island susceptible*»²⁸.



Fig. 2. Cypress and Dailes. In *Leaves from a Madeira Garden*. 1909.
Arquivo Histórico da Madeira

26 Florence du CANE, *Flowers and Gardens of Madeira*. London: Adam and Charles Black, 1909.

27 William COMBE, *A History of Madeira History of Madeira, with a series of twenty-seven coloured engravings, illustrative of the Costumes, Manners, and occupations of the Inhabitants of that Island*. London: R. Ackermann, 1821, p.47.

28 Alfred LYALL, *Rambles in Madeira and in Portugal. The Health, Climate, Produce, and Civil History of the Island*. London: Printed for C & J. Rivington, 1827, p.39.

Curiosamente a quinta do Palheiro Ferreiro está longe de corresponder a um plano de conjunto unitário ou à conformação de um estilo único. O jardim iniciado em 1804 pelo 1º conde de Carvalhal, João José Xavier Carvalhal Esmeraldo (1788-1837) podia ter inspiração britânica, já que o conde era homem viajado e de gosto atualizado, mas ao que se sabe foi o 2º conde de Carvalhal, seu sobrinho-neto, António Leandro da Câmara Leme do Carvalhal Esmeraldo de Atouguia de Sá Machado (1831-1888) quem introduziu grandes alterações no jardim ao longo da segunda metade de Oitocentos, tendo para isso contado com os créditos do jardineiro belga Francisco Joseph Devander Gabriel (1835-1897), que havia estado empregado em São Miguel, no jardim de Sant'Ana, ao serviço de José Jácome Correia²⁹. A compra da propriedade por John Blandy em 1885 conduziu a uma nova etapa na história da quinta, tendo sido construída a casa da família Blandy em 1891 por George Summers Clark, o arquiteto do Reid's Hotel, bem como o *Main Garden* nos terrenos que se estendiam a sul da casa, cujo perfil se enquadra perfeitamente com o estilo eduardino; no angulo sudeste estende-se o *Jardim da Senhora*, assim chamado em honra de Mildred Blandy, a dedicada proprietária do Palheiro Ferreiro que durante cinco décadas dirigiu o jardim tendo introduzido inúmeras plantas da África do Sul, sua terra natal³⁰.

29 A referência a um jardineiro “francês” de nome Gabriel como autor do jardim do conde de Carvalhal, na Madeira – além de um outro jardim, em Sernache, pertencente aos condes de Condeixa –, vem mencionada num caderno anotado pelo marquês de Jácome Correia com recortes de imprensa, entre os quais se encontra uma notícia biográfica acerca do Conde da Borralha. Na margem lateral do texto impresso, junto à passagem que refere a construção do parque dos condes de Carvalhal por Gabriel, o Marquês anotou: «suponho que foi depois de ter vindo de casa de meu Tio». Os dados por nós recolhidos acerca deste jardineiro coadunam-se com a informação descoberta casualmente neste artigo pois sabíamos que Gabriel, provavelmente chegado a S. Miguel em 1854 por intermédio de António Borges, esteve depois ao serviço de José Jácome Correia entre 1859 e 1873, reaparecendo mais tarde, em 1882, em Angra do Heroísmo, para liderar os trabalhos do novo jardim Duque da Terceira. Fica assim explicado o hiato de uma década sobre a qual nada se sabia acerca de Gabriel. Julgamos que a intervenção de Gabriel no Palheiro Ferreiro esteja relacionada com o chamado lugar do Inferno, uma ravina formada pela linha de água da ribeira do Inferno onde foram introduzidas diversas espécies de fetos arbóreos, rododendros e camélias.

30 Cf. Raimundo QUINTAL, *Quintas, Parques e Jardins do Funchal*, Funchal: Esfera do Caos, p.303.



Fig.3 A família do 2.º Conde de Carvalhal num piquenique na Quinta do Palheiro Ferreiro. Pintura de 1865 por Tomás da Anunciação, Museu Quinta das Cruzes.

O aparecimento das primeiras listas de quintas, não para alugar, mas para visitar – isto é, listas de casas e jardins dignos de serem vistos – surge no *A History of Madeira* publicado em 1821, por William Combe³¹ – uma edição ilustrada onde, para além das habituais referências ao clima e o aconselhamento aos *invalids*, se traça uma breve história da Madeira. Na sua visita ao Monte, em 1825, Henry Coleridge referia-se a um destes agradáveis circuitos: «*The quintas or country residences of the English merchants are delightful, and it is a pretty thing to spend a Madeiran afternoon in riding about in good company from one to another*»³².

Rui Campos Matos identificou 163 unidades do género entre o início do século XIX e a primeira guerra mundial³³. A sua difusão e sucesso declinam com o abandono das longas estadias durante a temporada de inverno, surgindo um modelo de viagem de curtas estadias que leva ao aparecimento dos hotéis. Na Madeira podemos identificar uma outra tipologia de jardins – a dos hotéis-parque – cuja origem remonta aos finais de Oitocentos e inícios de Novecentos com o fenómeno dos hotéis sanatório de montanha, rodeados por extensos parques, de que o Monte Palace é exemplo paradigmático.

31 William COMBE, *ob. cit.*

32 Henry COLERIDGE, *Six Months in the West Indies, in 1825*. New York: G.&C. Carvill, & E. Bliss & E. White, 1826, p.28.

33 Rui Campos MATOS, *ob.cit.*, p.149

Apesar das transformações operadas com as quintas madeirenses, para o arquiteto paisagista Fernando Pessoa, o Funchal continuava a ser em meados do século XX, uma cidade-jardim e muitas destas quintas autênticos monumentos, «*tão indispensáveis à sua história e à sua cultura, tão necessários às estruturas da cidade, como os seus templos ou edifícios mais importantes*»³⁴. No mesmo sentido as páginas inspiradas que Maria Lamas dedica às quintas madeirenses configuram uma geopoética cultural e histórica que atestam a relevância dos jardins na identidade da ilha³⁵, quer se trate das quintas de aluguer quer dos hotéis-jardins – muitos dos quais aproveitando a preexistência das quintas antigas –, como se comprova por alguns destes exemplos atuais: Quinta do Arco, Estalagem Quinta da Bela Vista, Hotel Quinta Splendida, Quinta Jardins do Lago, Resort Vila Porto Mare, jardim do Hotel Cliff Bay, além do mais antigo jardim do Hotel Reid. Numa linha de continuidade, os jardins madeirenses continuam a marcar presença nos tempos mais recentes em revistas de paisagismo, roteiros de jardins e outras publicações da especialidade³⁶.

No que concerne aos jardins dos Açores, salvo o caso dos jardins da família Dabney, na Horta, são os jardins micaelenses que congregam o essencial das observações dos naturalistas e viajantes, bem como, mais para o final de Oitocentos, passam a integrar os guias e roteiros turísticos sobre a ilha.

Ao contrário do que acontece na Madeira, as quintas micaelenses não eram espaços exclusivamente votados ao recreio e ao coleccionismo botânico. Aqui a sua função primordial era a de produzir laranjas! Carlos José Caldeira, viajante que percorreu um longo caminho de Lisboa à China, passando pelos Açores no ano de 1852 ao cabo de 235 dias desde que largara Macau, sublinha esse aspeto: são os novos jardins de Ponta Delgada, “*onde os trabalhos em andamento rivalizam no apurado gosto e grandesa das habitações e dos jardins*”, que eloquentemente testemunham os “*luxos da civilização europeia*”³⁷. O gosto dos micaelenses pela arte de construir jardins tem-se apurado muito, assegura Read Cabral e, Bulhão Pato, nas *Cartas dos Açores* (1868) confirma: “*São Miguel é a terra dos jardins. O*

34 *Colóquio de Urbanismo: palestras e conclusões de mesas redondas* (Funchal: C.M, 1969), p.138.

35 Maria LAMAS, *Arquipélago da Madeira, Maravilhas do Atlântico*. Funchal: Editorial Eco do Funchal, 1956.

36 Sobre este ponto veja-se Raimundo QUINTAL, *A Importância dos Jardins como Nicho Turístico na Madeira*, 2011, p.4.

37 Carlos José CALDEIRA, *Apontamentos d'uma viagem de Lisboa à China e da China a Lisboa*, Lisboa: Typographia de G. M. Martins, 1852, p.315.

jardim absorve o baile, o luxo da mobília, a carruagem esplendida, e até certo ponto, o gosto pelo teatro.»³⁸



Fig. 4. Jardim Jácome Correia (atual jardim de Sant'Ana), 1894. Col. BPAAH

Não sendo o motivo principal da visita aos Açores, os jardins de Ponta Delgada nunca deixam de ser mencionados pelos naturalistas e outros viajantes. Frederick Du Cane Godman na sua *Natural History of the Azores*, publicada em 1865, afirma não poder passar à descrição das outras ilhas sem antes mencionar os jardins nas vizinhanças de Ponta Delgada “*which surpass any I have ever seen elsewhere*”³⁹. Num outro relato de um oficial da marinha austríaca que chega aos Açores em 1878, no regresso de uma longa viagem por África, os jardins das redondezas de Ponta Delgada são também alvo dos mais rasgados elogios, destacando-se de entre todos o de António Borges pela originalidade e bom gosto⁴⁰. A escritora norte americana Alice Baker, de visita aos Açores e Madeira em 1880, menciona os soberbos jardins da cidade de Ponta Delgada aos quais atribui fama mundial⁴¹. Os superlativos relativamente aos jardins

38 Bulhão Pato, Carta a Manuel Pinheiro Chagas, Ponta Delgada, 16-5-1868. in dos Açores. Cartas, 2ª parte, 1868, p.48.

39 Frederick du Cane GODMAN, *Natural Histoty of the Azores or Western Islands*, 1870, p.8.

40 Leopold Van JEDINA, *Voyage de a Frégate Autrichichienne Helgoland Autour de l'Afrique*, Paris, Maurice Dreyfous Éditeur, 1878, p.320.

41 «(...) some fine residences surrounded by superb gardens of world-wide fame». Alice BAKER, *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira*, Boston: Lee and Shepard; New York: Charles T. Dillingham, cop. 1882, p.93.

micaelenses, particularmente os de Ponta Delgada, são aplicados por visitantes nacionais, alguns dos quais visando já decididamente uma promoção turística, como acontece com João Viegas de Paula Nogueira e Emygdio da Silva.

Manuel Emygdio da Silva, um dos impulsionadores do excursionismo em Portugal, membro do grupo fundador da Sociedade de Propaganda de Portugal (1906) e secretário-geral do IV Congresso Internacional do Turismo (1911)⁴², redige um conjunto de crónicas sobre a sua viagem à ilha de S. Miguel no ano de 1893 destinadas ao *Jornal de Noticias de Lisboa*. Sobre os jardins, afirma: “*entre os mais belos jardins que conheço na Europa ocupam, os de Ponta Delgada lugar notável. Os jardins dos senhores conde de Jacome Correia, José do Canto e António Borges, o primeiro no género dos jardins ingleses, o segundo como jardim botânico propriamente dito e o ultimo pela fantasiosa imaginação com que foi delineado e plantado, e todos eles pela exuberância da vegetação que os continentes desconhecem, dão-nos a nota alarmante do prazer que deslumbra e que nos domina incondicionalmente*”⁴³.

Como se percebe pelos diversos testemunhos compulsados, são principalmente os jardins de Ponta Delgada, com destaque para os três indicados por Emygdio da Silva que recolhem as preferências dos viajantes e são precisamente esses jardins que integrarão a oferta turística promovida pela *Agenda do Viajante da Ilha de São Miguel*, publicada em 1893 por Gabriel d’Almeida e, alguns anos mais tarde, constam do itinerário de meio dia proposto por Felix Sotto-Mayor num outro *Guia do Viajante da ilha de S. Miguel*⁴⁴, publicado já no âmbito das acções da Sociedade Propagadora de Noticias Micaelenses, fundada em 1898.

No contexto da “revolução dos transportes” operada na segunda metade de Oitocentos, o trânsito gerado pelas *ocean liners* que atravessavam o Atlântico, despertou nos açorianos a consciência da oportunidade criada com esta nova centralidade no seio da periferia europeia. A *Sociedade*

42 A Sociedade de Propaganda Portuguesa, criada em 1906 foi um importante organismo que lançou as bases do turismo em Portugal, sendo o IV Congresso Internacional do Turismo, que teve lugar em Lisboa no ano de 1911, um dos momentos cruciais desse movimento. Emygdio da Silva é ainda autor de um pequeno opúsculo *O Turismo em Lisboa*, publicado em 1948, onde se propõe passar em revista os principais acontecimentos relacionados com o turístico “moderno” no país.

43 Manuel Emygdio da SILVA, *S. Miguel em 1893. Cousas e Pessoas*. Cartas reproduzidas do Diário de Noticias de Lisboa. Ponta Delgada, 1893, pp.90-93.

44 Felix SOTTO-MAYOR, *Guia do Viajante na Ilha de S. Miguel*, 1899, p.29.

Promotora é claramente um reflexo dessa realidade, procurando explorar as potencialidades turísticas da sua ilha, enquanto, por outro lado, lutava contra os principais óbices colocados ao desenvolvimento de um turismo moderno: a ausência de unidades hoteleiras capazes de satisfazer os padrões de exigência dos *touristes* e a carência de infra-estruturas viárias com as condições mínimas de circulação. As duas questões, repetidamente discutidas nas páginas da imprensa local e em outros fóruns, receberão, senão a resposta cabal, pelo menos um forte impulso com a criação, em 1935, da Sociedade Terra Nostra. Entre as várias medidas que podem ser assacadas à Sociedade Terra Nostra, a mais relevante terá sido, porventura, a construção de um moderno hotel no Vale das Furnas⁴⁵, precisamente concebido no modelo de hotel-parque – aproveitando o extenso jardim fundado por Thomas Hickling c. 1782 e aumentado pela família Praia ao longo de Oitocentos – que faria da mais reputada estância termal e de montanha micaelense, um lugar de atração turística sem rival nos Açores.

Traçado este breve percurso histórico sobre o reconhecimento dos jardins no plano cultural e turístico, não deixa de ser surpreendente verificar que atualmente, do lado da oferta, os jardins não aparecem particularmente bem representados nas listas de atividades e locais a visitar⁴⁶. Assim que é feita a pesquisa através das páginas *web* dedicadas ao turismo quer na Madeira, quer nos Açores, os jardins praticamente se eclipsam. Tal oclusão tem duas exceções nítidas: o Jardim Botânico do Funchal e o Parque Terra Nostra, ambos produtos culturais que têm vindo a conquistar, por assim dizer, quotas de mercado verdadeiramente notáveis traduzidas, aliás, num aumento exponencial do número de visitantes nos últimos anos: 359, 697 mil ingressos pagos/ano no jardim Botânico do Funchal em 2015 mais 40% do que em 2005 (257,035 mil) — e 98.865 mil ingressos/ano no parque Terra Nostra no ano de 2015 mais 103% do que em 2010 (48,590 mil). A estes dois *must sightseeing* da oferta turística deve somar-se ainda o Jardim Tropical Monte Palace, herdeiro do hotel Monte Palace, hoje per-

45 Sobre a Sociedade Terra Nostra e o novo hotel projetado pelo Eng. Manuel António de Vasconcelos ao moderno gosto da *art déco*, veja-se, entre outros: Manuel FERREIRA, *Turismo em S. Miguel 100 anos*, Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada, 1999; Susana Serpa SILVA, «Para a História do Turismo na ilha de S. Miguel (Açores – Notas sobre as origens da Sociedade Terra Nostra» (no prelo); Cristina CORDEIRO (Coord.), *Manuel António de Vasconcelos. Pioneiro da Arquitetura Moderna*, Ponta delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 2016.

46 Veja-se “Açores Tourism”: <http://www.visitazores.com/en/the-azores/the-9-islands/sao-miguel/geography>;

tencentem à Fundação Berardo, com entradas na ordem dos 249,150 mil/ano, em 2015, e um crescimento do número de visitantes de 58% desde 2005 (157,528 mil)⁴⁷. Todos os outros jardins com entradas pagas pautam-se por números de ingressos muito inferiores, não deixando de ser significativo registar a tendência de subida desde que há registos sistemáticos.

Verifica-se, assim, que apesar da tendência declarada para o acompanhamento de uma tendência de crescimento deste nicho de mercado, não parece haver uma clara aposta por parte das entidades públicas e privadas no sentido da construção de uma oferta estruturada em torno do produto “jardins históricos”. A fim de compreender melhor as potencialidades do turismo de jardins na Madeira e nos Açores procedemos a uma análise de cenário (análise SWOT) como instrumento base para projetar a gestão e definição de objetivos estratégicos para este segmento.

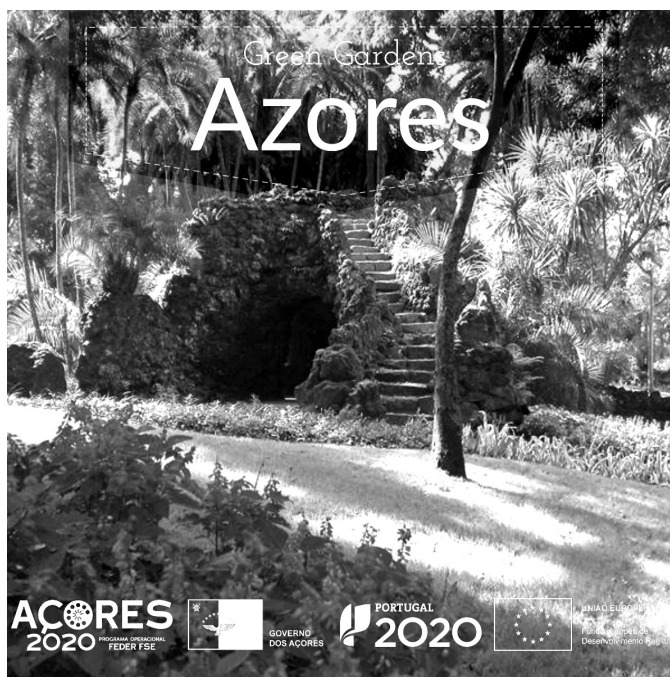


Fig. 5. Página do projeto Green Gardens- Azores: <https://www.otacores.com/greenga>

47 Dados colhidos durante o Congresso Internacional "Garden Tourism in Portugal and around the World", Ponta Delgada e Furnas, 24 a 26 de fevereiro de 2017.

AVALIAÇÃO DA ADEQUAÇÃO DO TURISMO DE JARDINS NA MADEIRA E NOS AÇORES (ANÁLISE SWOT)*		
Madeira	Pontos Fortes	Pontos Fracos
	Excepcionais condições climáticas propícias à visitação de jardins durante todo o ano	Relativa inacessibilidade do destino
	Existência de grande numero de jardins com acesso público	Indiferenciação nítida entre os vários jardins preparados para visitação
	Elevada fitodiversidade, com alguns jardins a atingirem a classe de excepcional riqueza florística	Estado de conservação decadente de muito do património construído associado às quintas
	Existência de boas condições de acolhimento dos visitantes (infra-estruturas e amenidades)	Inexistência de uma visão estratégica para os jardins da Madeira
Grande numero de figuras históricas associadas aos jardins	Fraca visibilidade de alguns jardins históricos e escassez de informação	
Situação favorável à obtenção de vistas panorâmicas		
	Oportunidades	Ameaças
	Notoriedade do Destino, associado à “marca” jardins como parte da identidade estética do lugar	Alta concorrência dos destinos ligados ao setor do turismo de jardins
	Existência de infra-estruturas turísticas adequadas e a preços competitivos	Dificuldade de acesso às fontes de financiamento para investimento e manutenção do património histórico e natural
	Boas condições para um plano estratégico de marketing de promoção dos jardins da Madeira, porventura associado aos jardins dos Açores	Dificuldade na articulação de interesses entre os <i>stakeholders</i> e inexistência de políticas públicas destinadas à conservação e valorização dos jardins
Açores	Pontos Fortes	Pontos Fracos
	Condições climáticas propícias à visitação de jardins durante todo o ano	Fraca notoriedade do destino associado à “marca” jardins
	Existência de jardins históricos em várias ilhas dos Açores	Situação periférica e transportes para e entre ilhas dispendioso
	Boa fitodiversidade e existência de exemplares notáveis nos jardins históricos	Níveis de manutenção fracos em grande parte dos jardins
	Documentação histórica valiosa acerca dos jardins e da flora	Escassez de mão-de-obra qualificada e fraca atratividade pela profissão
Boa relação com o espaço envolvente na maioria dos jardins	Dificuldade em oferecer um produto diferenciado e qualificado	
	Oportunidades	Ameaças
	Destino de natureza com forte ligação à imagem do “verde natural” mas também das paisagens culturais, de que os jardins são parte importante da sua identidade estética	Alta concorrência dos destinos ligados ao setor do turismo de jardins, principalmente de destinos próximos, como a Madeira e dos que organizam eventos de grande popularidade
	Boas condições para o conhecimento e investigação no segmento do turismo de jardins	Pouco acesso às fontes de financiamento para o investimento na recuperação e manutenção de jardins
	Combate à sazonalidade típica da atividade turística nos Açores	Dificuldade na articulação de interesses entre os <i>stakeholders</i> e inexistência de políticas para a conservação e valorização dos jardins históricos

*O quadro de análise SWOT dos Açores foi apresentado no âmbito do Colóquio Internacional "Garden Tourism in Portugal and around the World", Ponta Delgada, 24-26 Fev 2017 por ALBERGARIA, I. *et al*: Green Gardens- Azores: a research project outline

4. Algumas conclusões

Unidos por um ideal comum de recriação do éden terrestre onde a aclimação de plantas de diversas proveniências é possível *en plein air*, graças à fertilidade dos solos vulcânicos e à benignidade do clima temperado, os jardins da Madeira e dos Açores compõem um desígnio cultural e estético que se integra no sistema de representações da paisagem, promovido pelos centros europeus a partir de Setecentos e a ele estreitamente ligados.

A condição periférica, as circunstâncias históricas e a relação com o ambiente natural das ilhas permitiram, por outro lado, um entendimento *sui generis* das modas europeias, acentuando o modo empírico de fazer jardins e permitindo as singularidades ditadas por cada lugar e pela interpretação própria de cada criador. Na Madeira as quintas tenderam a compor a própria paisagem do anfiteatro funchalense armando-se em socalcos e rodeando-se de uma flora luxuriante e variada, enquanto em Ponta Delgada os jardins participam pouco da composição da paisagem urbana, mas eles próprios constituíam ilhas destinadas ao luxo botânico. Para avaliar o papel dos jardins na formação da paisagem insular, basta observar como por todo o lado o colorido das exóticas ornamentais galgou os muros dos jardins, povoando estradas e ocupando encostas, sebes vivas e extensas matas: são as palmeiras, que aparecem disseminadas por todo o lado, conferindo às paisagens uma beleza tropical que remete para o imaginário colonial brasileiro e das Antilhas; as estrelícias, as proteas, os agapantos, os hibiscos e as buganvílias, a sugerirem longínquas ilhas do Índico e do Pacífico; ou, nos Açores, a criptoméria as hortenses, as azáleas e os rododendros, ou o próprio chá, às quais se devem inusitadas ressonâncias orientais⁴⁸.

Na identificação dos jardins com a “marca” do destino, a Madeira leva a melhor, logrando a imagem perfeita da *Insula paradisiaca*, consagrada na expressão de “jardim flutuante do Atlântico” que lhe valeu, aliás, o prestigiado galardão, muito disputado entre as cidades da Europa e único em Portugal, de “Cidade Florida Europeia 2000”.

Apesar disso, a um outro nível de diferenciação e caracterização do produto, há um conjunto de carências que podem ser identificadas e a que falta uma visão estratégica. Sabemos que para fazer dos jardins um produto tu-

48 Eduardo Brito HENRIQUES aborda a questão complexa das conexões estabelecidas entre territórios longínquos e as ilhas, salientando o papel desempenhado pela flora exótica na redefinição do lugar das ilhas. Cf. E.B. HENRIQUES, *Distância e conexão: insularidade, relações culturais e sentido do lugar no espaço da Macaronésia*. Angra do Heroísmo: IAC- Instituto Açoriano de Cultura/Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2009.

rístico estruturado, capaz de motivar a deslocação de visitantes com essa finalidade específica, seria necessário continuar a apostar na notoriedade do destino e cuidar da divulgação adequada junto dos públicos e fruidores. Nesse plano relacionado com a procura, parece acertado pensar nas vantagens que adviriam de uma proposta integrada, resultante da natural complementaridade entre os jardins da Macaronésia portuguesa, os quais, partilhando uma história comum, se diferenciam no perfil dos territórios de implantação, na fito diversidade – com predominância para uma flora africana e sul-americana na Madeira e australiana e extremo-asiática nos Açores – ou nos temas arquitetónicos e da história de jardins, que assumem contornos particulares nos dois arquipélagos. A criação de rotas que incluíssem circuitos bem delineados e a exploração de eventos da especialidade e temas florísticos com variações estudadas ao longo do ano, certamente justificariam visitas mais regulares e abrangendo um maior número de utentes, atenuando as grandes assimetrias atualmente existentes entre os jardins mais visitados e os restantes. Simultaneamente, do lado da oferta, seria necessário investir mais nesses espaços, recuperando o património natural e cultural em abandono, apostando numa renovação qualificada e apoiada no desenho paisagista, melhorando as acessibilidades e as chamadas amenidades, criando dispositivos de interpretação e leitura dos espaços e formando especialistas nos planos técnico e científico. Nada disso será possível sem a difícil articulação de interesses entre os proprietários/conservadores, os operadores e agentes do turismo e os técnicos ligados à gestão e comunicação patrimonial. Finalmente, a implementação de políticas públicas de apoio à conservação, manutenção e divulgação dos jardins históricos constituiu um requisito imprescindível para o sucesso de um turismo de jardins competitivo e atual.